

A VITÃ“RIA DE CAVACO, DE SÃ“CRATES E DE MÃ•RIO SOARES

03-Feb-2011

OpiniÃ£o

Texto de Carlos Vieira e Castro

Nas eleiÃ§Ãµes do passado Domingo, o Ãºnico resultado que superou largamente todas as expectativas foi o de JosÃ© Manuel Coelho que, com um orÃ§amento modestÃ-ssimo, Ã© teve uns expressivos 4,5% e conseguiu ficar Ã© frente de Cavaco Silva em 3 dos 11 concelhos da Madeira, onde obteve 39,1% (contra 44,01% de Cavaco).Ã© Ã© Ã© Todos os outros resultados eram mais ou menos previsÃ-veis, muito embora eu nÃ£o contasse com uma tÃ£o significativa transferÃªncia de votos do PS para Fernando Nobre que ficou Ã© frente de Alegre em alguns concelhos, como Aveiro, Viseu e Viana do Castelo. Resta agora saber se Nobre, que deu mostras de um ego incontido, resistirÃ¡ ao âœapelo da selvaâ• dos partidos que tanto criticou ou se preferirÃ¡ a trincheira da âœcidadania dos independentesâ•, barricando-se atÃ© Ã s prÃ³ximas presidenciais. NÃ£o nos esqueÃ§amos que alguns dos seus mais prÃ³ximos apoiantes desertaram das hostes alegistas por Alegre nÃ£o ter fundado um novo partido. E outros houve que depois de abandonarem Alegre, tambÃ©m cortaram com Nobre por este nÃ£o lhes ter confiado o protagonismo que davam como certo. De uma coisa tenho a certeza: Ã© que MÃ•rio Soares foi um dos vitoriosos destas eleiÃ§Ãµes, ao ver que o candidato que catapultou para esta contenda o vingou da humilhaÃ§Ã£o sofrida em 2006, quando ficou atrÃ¡s da votaÃ§Ã£o de Alegre.

Ã

Ã© Outro dos ganhadores destas presidenciais foi, por estranho que possa parecer, JosÃ© SÃ³crates e a direita do PS. Se alguÃ©m dÃºvida por ter andado distraÃ±do, atente nas palavras de Helena Roseta, ex-PS, agora independente, apoante de Alegre, que reconheceu que âœo PS esteve dividido e que houve âœdirigentes altamente responsÃ¡veis que nunca estiveram com esta candidaturaâ•. TambÃ©m JÃºlio Barbosa, mandatÃ•rio no distrito de Viseu de Manuel Alegre, militante socialista, disse ao âœDiÃ•rio de Viseuâ•, apÃ³s o apuramento dos resultados, que âœo PS nÃ£o esteve com Manuel Alegre. NÃ£o esteve com ele durante a campanha, nem no momento da votaÃ§Ã£o. Houve muito preconceito por parte dos socialistas em relaÃ§Ã£o a Manuel Alegre e fiquei com a ideia que houve uma espÃ©cie de ajuste de contasâ•.

Ã© NÃ£o me surpreendi, por isso, quando li no jornal PÃºblico, com destaque de primeira pÃ¡gina, declaraÃ§Ãµes de dirigentes nacionais do PS, nÃ£o identificados, que terÃ£o dito que estava a ser ensaiado, entre as bases do partido do governo, um discurso de responsabilizaÃ§Ã£o do Bloco de Esquerda pela eventual derrota de Alegre, que segundo eles, teria melhor resultado se nÃ£o fosse apoiado pelo BE. TambÃ©m AntÃ³nio Vitorino, num comentÃ•rio televisivo, depois dos resultados, disse que âœhÃ¡ certas plataformas que nÃ£o somam, diminuemâ•.

Na verdade, em Viseu, como no resto do paÃ±s, Alegre contou com o apoio do Bloco de Esquerda que cedo viu nele a melhor alternativa para derrotar Cavaco e defender o Estado Social dos ataques da direita contra o ServiÃ§o Nacional de SaÃºde para todos, a Escola PÃºblica gratuita e os mais elementares direitos dos trabalhadores, como o conceito de âœejusta causaâ• para os despedimentos individuais, que o projecto de revisÃ§Ã£o

Constitucional apresentado por Passos Coelho pretendeu eliminar.

Ã© JÃ¡ da parte do PS apenas se viu a mobilizaÃ§Ã£o da JS e de meia dÃºzia de militantes e dirigentes concelhios, como LÃºcia Silva (da Concelhia de

Viseu), da deputada Helena Rebelo, do presidente da Câmara de Resende e poucos mais. Note-se, aliás, que a Federação Distrital do PS, presidida por João Azevedo, só em 14 de Dezembro — que anunciou — comunicou social a formalização do apoio à candidatura de Manuel Alegre, meio ano depois do início da estrutura de campanha.

À À À

À À À Mas quem clarificou a tática de Sócrates e da direita do PS foi o viseense Correia de Campos, da Comissão Política Nacional e líder da bancada do PS na Assembleia Municipal de Viseu, que surgiu a poucos dias do fim da campanha eleitoral, citado pelo jornal I, a considerar que Alegre já não representava uma alternativa e que a estabilidade política de que o país precisaria só seria garantida por Cavaco.

À Cavaco Silva foi o primeiro vencedor, mas a perda de 500 mil votos, obtendo a mais baixa votação numa eleição presidencial, não teria sido alheia à forma arrogante como se colocou num pedestal e se recusou a responder às legítimas perguntas dos outros candidatos e dos jornalistas, face às notícias que indicavam favorecimentos por parte do cébando do BPN, seus ex-ministros e ex-secretários de Estado, na venda de ações e na compra da casa da Quinta da Coelha, cuja escritura, segundo a Viseu, Cavaco teria falseado para fugir aos impostos.

Também a abstenção de 53% dos eleitores, mais do que os que votarem em Cavaco (apenas cerca de um quarto do total), é um sinal do desencanto e da desorientação dos portugueses, desiludidos com o Governo e com um Presidente que incentivou o apoio do PSD às medidas de austeridade dos PEC e do Orçamento de Estado. Cavaco ganhou, mas perdeu a má-tica imagem imaculada. Alegre perdeu porque a sua mensagem de resistência às políticas que fustigam o presente dos portugueses e ensombram o futuro de Portugal não contrastou com a prática dos governos de Sócrates. E porque gastou mais de metade da campanha a falar para dentro do seu partido, com sucessivos apelos para que a máquina se mexesse. Mas já havia demasiados pauzinhos na engrenagem.

À À

Carlos Vieira e Castro